



**NARCISISMO PATOLÓGICO E RELAÇÕES DE PODER:  
CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA TEORIA DO APEGO**

Priscila Paolla Peyrot Bassani

Caxias do Sul, 2019.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE PSICOLOGIA

**NARCISISMO PATOLÓGICO E RELAÇÕES DE PODER:  
CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA TEORIA DO APEGO**

Priscila Paolla Peyrot Bassani

Caxias do Sul, 2019.

## **AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho à minha família, em especial ao meus pais, Janete e Oldemar. Ao meu irmão Alison e minha prima Nicole que é considerada como uma irmã para mim. Foi com esse sistema de cuidado, que aprendi a explorar o mundo e a ter confiança para enfrentar a vida e as adversidades que acompanha.

Pai e Mãe vocês sempre serão minha inspiração, exemplo de força e coragem. Vocês que não só neste momento, mas em toda minha vida estiveram ao meu lado, me apoiando, indicando o caminho correto, me incentivando a estudar e a lutar pelos meus objetivos. Com certeza esse sonho só está se concretizando graças a vocês. Essa conquista é de vocês também, com muito orgulho serei a primeira mulher da família Peyrot e da família Bassani a se formar.

Agradeço aos meus pacientes, que depositaram em mim tamanha confiança ao dividir parte de sua história comigo. Ajudaram tanto no meu crescimento como profissional da Psicologia, como na minha vida pessoal. Com certeza, hoje, sou uma Priscila diferente a qual iniciou o curso de Psicologia em 2014, me tornei muito mais humana, empática e mais consciente do meu papel na sociedade.

A todos os professores que cruzaram o meu caminho durante a graduação, em especial a minha querida orientadora, Prof. Dra. Tânia Maria Cemin, pelos ensinamentos fornecidos e compartilhados na construção deste trabalho, por me acompanhar nesse caminho, sendo minha base segura, passando a tranquilidade necessária.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO .....	6
OBJETIVOS .....	8
Objetivo Geral .....	8
Objetivos específicos .....	8
REVISÃO DE LITERATURA.....	9
Conceitualização do Narcisismo e implicações na clínica atual .....	9
Aspectos fundamentais da Teoria do Apego.....	12
Narcisismo Patológico e as Relações de Poder .....	15
MÉTODO .....	17
Delineamento.....	17
Fontes.....	17
Instrumentos .....	19
Procedimentos .....	20
Referencial de Análise .....	20
RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	21
1 .Categoria: Contextualização Histórica.....	27
2. Categoria: Aspectos Patológicos do Narcisismo .....	29
3. Categoria: Narcisismo e as Relações de Poder.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS .....	36

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Categorias de análise e descrição de cenas.....	24
---	----

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral identificar possíveis contribuições da Teoria do Apego, de John Bowlby na compreensão do Narcisismo Patológico e as relações de poder pelo viés da teoria psicanalítica. O modo como ocorrem as vivências na infância é fator determinante na formação da personalidade do sujeito. Desse modo, para a psicanálise, levam-se em conta os registros inconscientes que ficam marcados no psiquismo do sujeito. As relações de apego estabelecidas nesse período da infância são de extrema importância, principalmente em relação à figura materna, que por sua vez vai nomeando o sujeito as situações do mundo externo e lhe proporcionando uma base segura. Como objetivos específicos elenca-se: 1) Apresentar conceitualmente o narcisismo patológico e suas implicações, 2) Caracterizar aspectos fundamentais da Teoria do Apego de John Bowlby, 3) Traçar possíveis relações entre Teoria do Apego e Narcisismo Patológico, vinculado as relações de poder. Este trabalho tem relevância uma vez que estamos inseridos em uma sociedade com traços fortemente narcisistas. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa de cunho exploratório e interpretativo, utilizando análise de conteúdo como referencial de análise. Para a realização deste trabalho, fez-se uso de livros e artigos com base na teoria psicanalítica, encontrados na Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul e no acervo pessoal, referentes ao conceito de narcisismo e à Teoria do Apego. Os artigos foram obtidos na base de dados *BVS-Psi* e *Scielo*, com os descritores narcisismo patológico, narcisismo e poder e teoria do apego. Sendo assim, para a realização da análise, utilizou-se a série “Dilema – *What/if*”, como artefato cultural, por ilustrar diversos comportamentos de um indivíduo com aspectos patológicos narcisista. Foi elaborado uma tabela e os resultados foram dispostos, classificados e organizados pelas seguintes categorias: contextualização histórica, aspectos patológicos do narcisismo e relações de poder. Os resultados apontam que a qualidade dos primeiros laços emocionais, vivenciados na infância e adolescência, influenciarão diretamente nos modelos de apego desenvolvidos, e influenciarão também na saúde mental futura dos indivíduos. Sujeitos com apego ansioso com evitação, desenvolvido por Anne, personagem principal, caracteriza-se por indivíduos que tiveram pais ausentes e indisponíveis emocionalmente, a criança cresce e acredita que será rejeitada e não terá a ajuda ou cuidado dos pais. Na vida adulta, o sujeito buscará pela autossuficiência e independência emocional, podendo ser diagnosticado com um narcisismo caracterizado como patológico.

Palavras-chave: narcisismo patológico, narcisismo e poder, Teoria do Apego.

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema narcisismo ocorreu desde as disciplinas iniciais do curso. O primeiro contato com a temática foi nas disciplinas de Fundamentos da Personalidade e Fundamentos da Psicopatologia, ambas abordam de forma breve um melhor entendimento do sujeito e sua constituição. Nas disciplinas de Psicologia e Psicoterapia Analítica, e também, na disciplina de Intervenções Clínicas na Vida Adulta foi possível explicar suas principais características, identificação e como intervir com o sujeito de Personalidade Narcisista.

Nas vivências proporcionadas no estágio em Saúde e Processos Clínicos I e II, também foi possível entrar em contato com pacientes que apresentavam comportamentos característicos do narcisismo. Frente a essas vivências surgiu o interesse e curiosidade de aprofundamento, isto instigou a investigar mais sobre o funcionamento, assim como o entendimento realizado através da teoria psicanalítica e as formas de manejos com esses sujeitos.

O contato com a Teoria do Apego também surgiu nas cadeiras iniciais do curso, precisamente na disciplina de Psicologia da Infância, que visa identificar as características das distintas etapas evolutivas da infância. A Teoria do Apego de John Bowlby busca compreender o sujeito a partir das relações de apego que ocorrem no início da vida, contribuindo para o desenvolvimento da saúde emocional da criança e suas repercussões na vida adulta. Durante essas experiências vivenciadas no decorrer do curso, e a partir de leituras de livros e artigos realizadas sobre essas duas temáticas, surgiu a curiosidade de aprofundar a compreensão desta patologia, abordando, as primeiras relações de apego desenvolvidas na primeira infância.

As patologias do vazio conduzem os homens desde os primórdios. Contudo, na contemporaneidade, a patologia do narcisismo vem apresentando um perfil de grande ocorrência na demanda clínica, deixando mais escasso os quadros neuróticos em comparação com essas patologias. Caniato e Nascimento (2010) consideram que o aumento dos distúrbios narcísicas na clínica psicanalítica é causada, entre outros fatores, pela decadência do papel do outro na constituição do Eu, bem como a emergência de novas formas de socialização caracterizadas pelo “narcisismo coletivo”. Segundo Monti (2008), na clínica psicanalítica, nota-se um aumento de pacientes com queixas de sensação de vazio. Além disso, a carência de significado, dificuldade para se definir, sentimentos de inveja, vergonha, sentir-se insuficiente e desapontado, que se imprime na personalidade narcisista. O autor, ainda, destaca que esse aumento deve-se à monumentalização da infância e ao aprisionamento da condição da criança de sua majestade, prejudicando que as

mesmas busquem sua real identidade. Cada recém-nascido, ocupa um lugar dentro de um grupo, ele é investido numa missão que é parte de uma transmissão transgeracional dos fantasmas dos pais. Nesse lugar, o bebê irá corresponder às expectativas, conscientes e inconscientes que as gerações anteriores depositaram sobre ele e sobre sua vida inteira, garantindo a continuidade entre as gerações.

O desenvolvimento de um narcisismo mal adaptável, conforme Westen citado por Langaro e Benetti (2014), é resultado do fracasso para individualizar-se, em que não se desenvolve um Eu autônomo. Este processo, portanto, atua para proteger o indivíduo de experiências de desapontamento e desilusão associadas ao fracasso para alcançar metas não realistas, grandiosas e do reconhecimento do Eu falso e pobremente articulado. Para os autores, o crescimento psíquico e a saúde psíquica são impedidos pela inaptidão da separação e autonomia. Assim, o narcisismo pode ser descrito como desenvolvido de forma saudável ou patológico.

Segundo Bowlby (1989; 1990), a Teoria do Apego foi elaborada a fim de explicar modelos de comportamentos de crianças, adolescentes e adultos, deste modo, é crucial entender como o vínculo vai se construindo nas relações sociais no decorrer do desenvolvimento vital. A maioria dos adultos se comporta através das metas-fixadas, se tornando habilidoso, descobrindo as sensações que os fazem se sentir seguros, estando aptos para planejar o seu agir, prevendo que certas metas sejam alcançadas. Um dos pontos centrais da Teoria do Apego visa salientar que existe uma relação causal importante acerca das experiências de um sujeito com suas figuras parentais. A teoria visa compreender a capacidade dos sujeitos em estabelecer vínculos afetivos, podendo ser manifestada na vida adulta em suas divergências conjugais, dificuldade em lidar com os filhos ou ainda em sintomas neuróticos e como isso pode vir a contribuir para os distúrbios de personalidade.

Se faz necessário destacar que o comportamento de apego não desaparece na infância, persistindo durante todo percurso vital, sendo utilizado com elementos refinados em sua trajetória, pois, na medida em que o sujeito vai se desenvolvendo, o modelo por ele vivenciado durante a vida vai se cristalizando, ocorrendo a tendência de que utilize esse modelo em suas relações futuras (Bowlby, 1989; 2006). Por fim, vale ressaltar a importância de estudos nessa temática para compreender, com profundidade, alguns aspectos do sofrimento psíquico presente no mundo contemporâneo. Desta forma, este estudo apresenta como problema de pesquisa: Quais as possíveis contribuições da Teoria do Apego, de John Bowlby na compreensão do Narcisismo Patológico e as relações de poder?



## OBJETIVOS

### Objetivo Geral

Identificar possíveis contribuições da Teoria do Apego, de John Bowlby na compreensão do Narcisismo Patológico e as relações de poder.

### Objetivos específicos

- a) Apresentar conceitualmente o narcisismo, enfatizando aspectos patológicos e suas implicações;
- b) Caracterizar aspectos fundamentais da Teoria do Apego de John Bowlby;
- c) Traçar possíveis relações entre Teoria do Apego e Narcisismo Patológico, vinculado as relações de poder.

## REVISÃO DE LITERATURA

O presente trabalho objetiva, a partir da revisão de literatura, apresentar algumas contribuições da Teoria do Apego para o entendimento de alguns aspectos do Narcisismo Patológico. Para isso, o trabalho foi dividido em três tópicos abordando as seguintes temáticas: Conceitualização do narcisismo e suas implicações na clínica atual; aspectos fundamentais da Teoria do Apego e narcisismo e relações de poder.

### **Conceitualização do Narcisismo e implicações na clínica atual**

Segundo Garcia-Roza (2008), no ano de 1899 o termo autoerotismo era assunto das cartas trocadas entre Freud e Fliess. O termo indicava uma posição original da sexualidade infantil que precedia ao narcisismo, em que a pulsão sexual era satisfeita parcialmente no próprio corpo, sem a necessidade de investir em um objeto externo.

O termo narcisismo foi utilizado pela primeira vez em 1899, pelo Psiquiatra Paul Näcke, para denominar a atitude de um sujeito tratar seu próprio corpo do mesmo modo, que o corpo de um objeto sexual é frequentemente é tratado, ou seja, através das atitudes de acariciar-se e afagar ele obtém satisfação. Já na obra de Freud, o termo narcisismo apresenta-se a primeira vez em 1905, no texto “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, o qual ele declara que o narcisismo é uma fase necessária e intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal. Nessa obra, relata sobre a escolha de objeto feita pelos homoafetivos, os quais tomam a si mesmos como objetos sexuais, ao buscar pessoas parecidas consigo mesmas para amar, da mesma maneira que a mãe os amou na infância. Em um primeiro momento, devido às limitações do conceito, o narcisismo era considerado como perversão, pois o perverso também trata seu corpo como objeto de amor. Após as descobertas iniciais, foi possível perceber que aspectos individuais da atitude narcísica eram vistas também em muitas pessoas com diferentes transtornos. Diante disso, essa libido narcísica, poderia vir a estar presente no decorrer do desenvolvimento sexual humano (Freud, 1914/1969).

Freud (1914/1969) em princípio define narcisismo como um processo decorrente do autoerotismo, sendo este uma pulsão primordial da vida de um bebê, que se apresenta antes da constituição de uma unidade comparável ao Eu. Para que o narcisismo seja instalado, precisa-se de uma nova ação psíquica que acrescente ao autoerotismo.

Conforme Garcia-Roza (2008), a criança situada no período auto erótico não busca através do seu sugar satisfazer sua necessidade conservativa, como a fome, e sim repetir uma experiência de prazer já familiarizada, memorada no seio da mãe, sempre na tentativa de reviver essa experiência primária de satisfação. O autor considera que “o que antes acompanhava e se confundia com a função de nutrição torna-se independente tanto

da função (nutrição) quanto do objeto (alimento), e exerce-se de forma auto erótica; o objeto passa a ser uma parte do próprio corpo, em geral o dedo polegar”. (p.40)

Decian (2013) destaca que, a passagem de um corpo orgânico para um corpo pulsional é fundado através das inscrições inconscientes passadas pela mãe para seu bebê. É através da linguagem, independente de quem esteja cumprindo essa função materna, que serão realizadas as nomeações, simbolizando o outro primordial para a criança. A mãe, na posição de outro, ao se relacionar com o recém-nascido vai criando registros com palavras, sejam elas de amor ou não, dando significações ao corpo do bebê, deixando marcas simbólicas que ficarão registradas no inconsciente que, após esses registros, juntamente com outros aspectos, farão parte da constituição do sujeito. Assim como Freud (1914/1996) propôs o caminho da unificação do Eu, o bebê precisa se ver através do olhar da mãe, valendo-se deste como seu espelho, antes de poder vê-la como um objeto distinto de si.

Chasseguet-Smigel (1998) afirma que:

O homem, sendo incapaz de renunciar a uma situação da qual ele gozou uma vez, não quer desligar-se da perfeição narcísica de sua infância e procurar recuperar, sob a forma nova de um ideal do Ego, esta perfeição precoce que lhe foi arrancada. O que ele projetou adiante de si mesmo como um ideal, é simplesmente o narcisismo perdido de sua infância, do tempo em que ele tinha a mesmo como seu próprio ideal. (p.18)

Freud (1914/1969) destaca a importância do papel dos pais na constituição do narcisismo primário, quando ocorre a entrada de um terceiro na relação dual dessa criança com sua mãe/cuidador, uma vez que estes projetam sobre a criança o narcisismo que foi renunciado, renascendo a partir desse momento. Diante disso, a criança passa a ter responsabilidade por cumprir os sonhos e expectativas dos pais. Dessa maneira, após passar por essa fase psíquica, o investimento libidinal se “expande”, deixando de ser somente no próprio Eu, e vai em direção a objetos, (Freud, 1914/1969).

Segundo Green (1988), no narcisismo primário não existem investimentos a outros objetos, a organização das pulsões parciais são direcionadas somente ao Eu, e é caracterizado também pelo fato do Eu encontrar em si mesmo a satisfação, com percepção de autossuficiência. Além disso, Garcia-Roza (2008) afirma que o narcisismo primário só se mantém por amor dos pais, e é por ele potencializado a partir da onipotência que se cria no encontro entre narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais.

Para a passagem do narcisismo primário ao secundário, é necessário que haja uma nova ação psíquica, pois o Eu não é inato e o narcisismo seria o momento organizador das

pulsões parciais, tolerando a passagem do autoerotismo para o investimento libidinal em um objeto exterior (Freud, 1914/1969).

O narcisismo secundário possui dois momentos: o primeiro é o investimento nos objetos e, depois, esse investimento retorna para o seu ego. Quando o bebê já é capaz de diferenciar seu corpo do mundo externo, ele identifica suas necessidades e quem ou o que as satisfaz, então, o sujeito concentra em um objeto suas pulsões sexuais parciais. Sendo assim, o narcisismo secundário assegura as necessidades narcísicas. Além disso, irá se delinear o caminho desde o estado de prazer purificado para o reconhecimento da incompletude e também da existência de outrem. Concomitantemente, pode-se considerar a instalação do psiquismo, do sujeito e da cultura representada pelo objeto (Vasconcellos, 2014). Os traços do narcisismo primário, bem como do narcisismo secundário, irão constituir a personalidade e acompanhar o sujeito por toda sua vida (Garcia-Roza, 2008).

Além disso, Kohut (1984) afirma que o narcisismo acompanha o sujeito por toda sua existência, e, no momento que o ego torna-se capaz de fazer com que a energia psíquica aja em seu favor, surgem, como transformação destes, qualidades como a capacidade de ser empático, de contemplar a própria transitoriedade, sabedoria e senso de humor. Essas capacidades se apresentariam como as transformações do narcisismo.

Segundo Silva e Viana (2015), a atualidade clínica está marcada pelo elevado grau de ocorrência de patologias narcísicas, o que tem feito muitos pesquisadores das áreas de psicologia e psicanálise, considerarem o narcisismo como uma tipologia psíquica característica da sociedade pós-moderna. Conforme Lazzarini e Viana (2010), nas últimas décadas, as principais queixas dos sujeitos são um mal-estar difuso e invasor, assim como sentimentos de um vazio interior. Desta forma, pode se dizer que as configurações subjetivas contemporâneas tendem a apresentar um sujeito que traz um sofrimento psíquico que parece estar menos relacionado a conflitos neuróticos clássicos, regulados pela lógica da castração e do desejo. O que tende a aparecer na clínica é algo da ordem do desamparo primordial, como ressaltado por Freud. A maioria dos sintomas neuróticos clássicos que correspondem em grande parte a uma sociedade mais repressiva, tirânica, autoritária e puritana deram lugar às desordens narcisistas, que são mais coerentes com uma sociedade permissiva e também mais eclética em suas manifestações.

No desenvolvimento saudável do sujeito, segundo Langaro e Benetti (2014), durante o final da adolescência e aparecimento da vida adulta, é que procede a separação dos pais e o desenvolvimento de um Eu individualizado. Isso é facilitado, segundo os autores, pela presença do narcisismo adaptável, o qual apoia e liberta o quase adulto para desenvolver suas próprias metas, valores e esforços automotivados. Sob circunstâncias

ideais, o desenvolvimento adulto é apoiado por este narcisismo saudável; o indivíduo torna-se bem-sucedido e realizado e, a partir dessas realizações na realidade, ele ou ela desenvolve um narcisismo saudável futuro.

De acordo com Silva e Viana (2015), “o narcisismo é estruturante devido ao seu caráter de unificação das pulsões auto eróticas que, no começo do desenvolvimento psíquico, estão dispersas devido à indiferenciação entre a criança e a mãe (objeto)” (p. 16). Assim, segundo os autores, à medida que a libido se concentra em torno do sujeito, o narcisismo irá contribuir para a formação do Eu, uma etapa esperada no desenvolvimento normal do sujeito. Contudo, se houver fixação nessa etapa impede, em alguns casos, “o desenvolvimento considerado normal (ou seja, lançar a libido para fora, sobre outros objetos), dando origem assim a padrões de organização psíquica que podem ser considerados inadequados ou patológicos” (p. 16). Portanto, o narcisismo é importante para a constituição e a sobrevivência do indivíduo, mas quando o sujeito não consegue direcionar a sua libido para outros objetos a patologia pode instalar-se.

### **Aspectos fundamentais da Teoria do Apego**

Os estudos realizados de John Bowlby, construindo uma Teoria do Apego, partem da teoria psicanalítica de Freud, mais especificamente sobre as relações objetais, priorizando a ideia de que a separação da criança de sua mãe pode vir a ser traumática. Bowlby (1989;1990) enfatiza que o ser humano nasce propenso a estabelecer laços emocionais estreitos, sendo este um componente básico da natureza humana. Durante as primeiras fases de desenvolvimento, é de extrema importância que os laços parentais sejam de qualidade, estabelecendo e promovendo proteção à saúde mental futura de um indivíduo. É essencial que haja uma ligação íntima e afetuosa com a mãe ou alguém que cumpra este papel de forma eficaz, para que ambos possam sentir satisfação.

Caso a criança não consiga obter este tipo de relação com alguém que exerça a função materna, o lugar da mãe, ocorre o que se chama de privação materna, provinda a partir de uma falta de cuidados amorosos de que tanto se necessita nos anos iniciais. Em casos assim, o desenvolvimento físico, psíquico e social é quase sempre prejudicado, podendo suceder sintomas, variando de acordo com o grau de privação pelo qual a criança foi exposta. O bebê pode deixar de sorrir, ter atrasos na fala, perder o sono, não responder a estímulos durante o brincar, entre outros (Bowlby, 1989).

Faz-se necessário assinalar que a figura paterna também tem um papel importante, ainda que secundário na relação com o bebê. Entretanto, este se torna mais significativo na medida em que a criança vai crescendo, já não sendo tão dependente de cuidados, sendo

que o genitor atua no apoio emocional da família, o que agrega em um clima harmonioso no ambiente que o bebê se desenvolve (Bowlby, 1989).

É pertinente destacar a diferença entre os termos comportamento de apego e o apego propriamente dito. No primeiro, um indivíduo desenvolve o apego por alguém disposto a manter contato, principalmente ao estar assustado ou doente, podendo ter este tipo de ligação com várias pessoas. O segundo, por sua vez, é definido por um movimento que o indivíduo exerce a fim de privilegiar uma proximidade, resultando em uma diminuição de sua ansiedade e aumento de sua segurança, sendo direcionado apenas para aqueles sujeitos com ligações sinceras e duradouras (Bowlby, 1989; Ramires & Schneider, 2010).

Por conta dessas constatações, algumas mudanças mais visíveis no comportamento de crianças vão ocorrendo ao completarem os três anos de idade, momento em que conseguem obter mais segurança em ambientes estranhos, como na escola, por exemplo. Essa segurança é condicional e ocorre a partir de três fatores fundamentais: a forma como criança conhece a figura com quem vai habitar o novo ambiente, ainda na presença da mãe; não estar assustada com a situação; bem como ter consciência de que logo voltará a ter contato com ela. É importante ressaltar que essa segurança é condicional e só será estabelecida havendo a interferência destes três fatores (Bowlby, 1990).

De acordo com isso, Klein (1997) afirma que “O medo de perder a mãe torna doloroso o afastar-se dela e várias formas de brincar dão expressão a essa ansiedade como um meio de superá-la.” (p. 277). Por essa via, destaca-se que, para simbolizar, a criança precisa fazer o movimento de separar-se da mãe, rompendo a díade mãe-filho. Bowlby (1989) descreveu o processo de construção dos modelos internos de funcionamento em termos de modelo de apego. A criança constrói um modelo representacional interno de si mesma, dependendo de como foi cuidada. As experiências iniciais com seus cuidadores gerarão as expectativas sobre si mesmo, dos outros e com o mundo em geral, implicando diretamente no desenvolvimento da sua personalidade. Desse modo, cada indivíduo forma um "projeto" interno, a partir das primeiras experiências com as figuras de apego.

Se o ambiente for seguro, o apego vai ganhando outros tipos de forma, definindo-se como algo novo, ocorrendo possíveis distinções acerca destes. Através dos trabalhos de Mary Ainsworth, foi realizada uma investigação a respeito do apego expresso no comportamento de interação de crianças com suas mães. Os resultados apresentados sobre o desenvolvimento sócio emocional dos primeiros anos de vida, evidenciaram que o modelo de apego que um indivíduo desenvolve na primeira infância é influenciado pela maneira como a figura materna realiza os cuidados (Bowlby, 1990).

Para além disso, Ainsworth também realizou um método experimental chamada situação estranha, visando avaliar as diferenças individuais na organização do comportamento de apego, direcionado a mães de bebês com um ano de idade. O experimento foi realizado em uma sala desconhecida pelo bebê, cheia de brinquedos, inicialmente com a presença da mãe, depois sem a presença dela e novamente com o retorno da mesma no local. A partir disso, foi elaborada uma classificação referente ao desempenho dos bebês frente a uma situação estranha, sendo descritos três padrões de apego, designados por B, A e C (Bowlby, 1990).

O padrão B se refere aos bebês seguramente apegados à mãe, que apresentaram um padrão ativo nas brincadeiras, mantendo contato e estando sempre atentos aos seus movimentos, demonstrando equilíbrio harmonioso entre a exploração e o apego, buscando contato após a separação, sendo prontamente confortados no retorno do convívio. Essa interação foi associada à mãe que é sensível aos apelos dos bebês, respondendo de maneira adequada a estes. Em se tratando do padrão A, os bebês são classificados como ansiosamente apegados à mãe e esquivos, expressando um tipo de apego evitativo, ao passo em que evitam a mãe após a segunda ausência breve, havendo conflito na aproximação. Esse tipo de apego foi associado às mães que exibiam comportamento de rejeição dos bebês. No que se refere ao padrão C, os bebês são classificados como ansiosamente apegados à mãe e resistentes, oscilando entre a busca de proximidade e resistência ao contato com ela. Frequentemente apresentavam sentimentos ambivalentes com raiva quando suas mães ofereciam brinquedos, ou sendo passivos. Neste tipo de apego, as mães respondem de maneira inadequada aos apelos de seus bebês, porém não os rejeitam (Bowlby, 1990).

Nesta perspectiva, três modelos principais de apego geram consequências distintas no comportamento e desenvolvimento que a criança irá apresentar. O primeiro é o de apego seguro, nesse momento os bebês estão confiantes de que seus pais estarão disponíveis quando forem solicitados, caso precise de ajuda em alguma situação que o assuste. Tornando-se crianças felizes, cooperativas, fortes, capazes, seguras e menos exigentes com os demais. Já o segundo modelo, o apego ansioso/resistente, a criança não tem certeza se os seus pais estarão disponíveis. Diante disso, pode-se esperar que a criança venha a desenvolver a ansiedade de separação. Geralmente, nesse modelo o conflito se evidencia, pois em alguns momentos, os pais se mostram disponíveis e prestativos e, em outras ocasiões a criança passa por separações.

No apego ansioso com evitação, a criança não demonstra ter confiança e acredita que será rejeitada, não terá ajuda ou cuidado dos pais. O sujeito busca por ser independente

emocionalmente e autossuficiente, o que no futuro, pode vir a ser diagnosticado como narcisista. Em referência ao que foi exposto acima, podem ocorrer perturbações do comportamento de apego, provenientes de cuidados maternos precários, constante rejeição por parte da mãe ou cuidados essenciais dispensados por sucessão de diferentes pessoas. Também é possível que aconteçam conflitos provindos de excesso de cuidados, embora sejam menos comuns, como superproteção ou grande oferta de alimento, sem que haja necessidade biológica (Bowlby, 1989; 1990).

Um termo importante da Teoria do Apego que pressupõe a discussão dos vínculos é o conceito de base segura. Essa base é fornecida para a criança através das figuras parentais, passando a tranquilidade necessária de que tanto precisa. Tendo uma base segura, a criança se sente livre para explorar o mundo exterior e retornar do mesmo com a certeza de que há alguém lhe esperando, pronto para lhe receber de maneira amorosa. Os pais dão autonomia suficiente para a criança, e ao mesmo tempo, estão disponíveis para estarem presentes caso seja necessário. Deste modo, ao longo de seu desenvolvimento, a forma como o sujeito é tratado, poderá modificar os seus potenciais de forma positiva ou negativa, já que há, possibilidade de variação no transcorrer de seu desenvolvimento, mesmo que em escala menor (Bowlby, 1989).

### **Narcisismo Patológico e as Relações de Poder**

Vries e Miller (1990), ao estudarem líderes, perceberam que as exigências e as críticas de suas orientações, estão relacionadas ao seu desenvolvimento narcisista. Freud já afirmava que os líderes não sentem a necessidade de amor de ninguém, isso deve-se a sua natureza dominadora, narcisista independente e autoconfiante (Freud 1920/1969).

Um número expressivo de gestores exibe em sua personalidade algum traço de narcisismo destrutivo. Uma razão é que alguns traços, comuns, mas não encontrados exclusivamente nos narcisistas destrutivos, ajudam as pessoas a evoluir na estrutura gerencial. Essas características incluem a manifestação de alto nível de autoconfiança, grande entusiasmo e ambição por prestígio e poder (Kernberg, 2000; Kohut, 1971, p. 316).

Conforme Lubit (2002), as principais características dos narcisistas destrutivos são a grandiosidade, arrogância, excessiva necessidade de aprovação e extrema preocupação. Os líderes não sentem a necessidade de amor de ninguém, isso deve-se a sua natureza dominadora, narcisista independente e autoconfiante, com riqueza e poder, sentimento de ter direito a tudo, podendo para isso explorar os outros e a falta de empatia. Geralmente, as características que acompanham os principais traços desses indivíduos, são



a falta de um vínculo duradouro a um sistema de valores e um vazio interno que os levam a procurar emoção apesar do alto risco. Muitas vezes, indivíduos com características narcisistas destrutivos, não compreendem que os seus comportamentos são um problema para os outros, e mesmo se o reconhecem, não estão preocupados com o impacto nocivo que isso possa causar. Devido a sua falta de compaixão e à ambição, habilidade para tomar rapidamente decisões importantes, difíceis e gerar entusiasmo nos outros, são os fatores que lhes ajudam a atingir o poder e serem eficientes em alguns aspectos de liderança.

Freud (1921/1975) afirma que as exigências de igualdade em um grupo aplicam-se somente aos membros, porém todos querem ser dirigidos por um líder, uma pessoa afastada, superior a todos eles. Isto é, o homem é um animal de horda, uma criatura individual numa horda conduzida por um chefe.

Segundo Schirato (2006), dentro da organização social de um grupo, são regulados pela presença do líder, sentimentos de inveja, competição, rivalidade e as aspirações de justiça, que garantem igualdade e ocupação de um lugar determinado. Essa é a condição básica para a sobrevivência do grupo social. O líder representa a existência do grupo, pois leva consigo a projeção dos elementos do grupo, no que diz respeito aos sentimentos destrutivos, negativos, que cada um nutre pelo outro e as aspirações positivas igualmente.

De acordo com Schirato (2006), da mesma forma que o poder é desconfortável, ele é fonte de prazer. Sabe-se, por inúmeros depoimentos históricos, que o poder é inerente à profunda solidão do poder, isto é, exatamente aquilo que distingue o indivíduo dos demais no quase absoluto da ação, numa quase onipotência. Além disso, é alto o preço que se paga por ser o único a gozar desses privilégios. Não seria arriscado dizer que o poder é catexizado, ou seja, toda a libido do indivíduo é deslocada para o poder. E é pela libido, orientada para o outro, que o indivíduo sai do seu narcisismo e realiza uma relação de amor em sua vida, instituindo, assim, a genuinidade da pulsão de vida.

Diante disso, quando o indivíduo orienta a libido para o poder, num primeiro momento, ele rompe com a possibilidade de sair do próprio narcisismo e ver o outro e, num segundo momento, redireciona para si mesmo a libido, fazendo do poder que está nele mesmo, que o impede de ver o mundo, retendo a libido do objeto, ele não enxerga mais nada além do seu cargo. Não é possível diminuir a solidão de alguém reforçando seu movimento narcísico, daquilo que é condição essencial de sair do próprio isolamento, que é a percepção do outro e as possíveis relações de amor com ele. Talvez não seja a solidão do poder, mas o isolamento em que se coloca aquele que tem o poder. Se o poder é fálico, o que ratifica a catexização na autoridade realizada pelo sujeito, resultando no prazer de ser/ter poder; então a solidão fica completamente compreendida (Schirato 2006).

## MÉTODO

### **Delineamento**

É imprescindível para apurar um conhecimento considerado científico, identificar quais operações técnicas e mentais, foi utilizada para a elaboração desse conhecimento. Define-se método como um percurso para algo e método científico como uma junção de processos técnicos e intelectuais adotados para chegar à descrição do conhecimento (Gil, 2008).

Laville e Dionne (1999) dissertam que o método é a ferramenta que garante a validade e cientificidade dos processos de pesquisa. Este, aponta regras e procedimentos que ancoram o trabalho realizado e asseguram sua eficácia. O delineamento do presente trabalho, trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, de cunho exploratório e interpretativo. Segundo Godoy (1995), faz-se uso da pesquisa qualitativa, pois ela envolve um pesquisador que analisa o fenômeno no local em que ele está acontecendo, podendo assim, considerar todas as perspectivas das pessoas que estão vivenciando o contexto. Pope e Mays (2009) complementam destacando que, este tipo de pesquisa analisa a compreensão subjetiva das pessoas, respeitando seu momento de vida diária, e defende o estudo do homem, lembrando-se que o sujeito não é passivo, e sim, um ser que interpreta o mundo em que vive, cotidianamente. Para Minayo (2008), opta-se pela utilização do método qualitativo, pois ele estabelece uma vinculação maior entre o sujeito e o objeto de pesquisa.

Segundo Gil (2008), as pesquisas de caráter exploratório têm como objetivo explicar, ampliar e alterar ideias e conceitos, a fim de formular problemas mais precisos ou hipóteses para estudos subsequentes. De forma geral, a pesquisa exploratória é menos rígida e comumente envolve levantamento de bibliografia, não sendo comuns procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados. Além de obter um maior entendimento sobre o problema de pesquisa através da pesquisa bibliográfica, consulta de materiais já existentes como livros, artigos científicos e outros materiais, é possível que, após a análise, seja realizada uma interpretação deste material referenciado, buscando possíveis relações entre os dados obtidos (Gil, 2008).

### **Fontes**

A fonte desta pesquisa foi por meio de um artefato cultural, a série “Dilema” ou “*What/if*”. A partir desse artefato, foram selecionadas cenas da primeira temporada, contendo 10 episódios, para a discussão, as quais foram embasadas pela revisão de literatura. A série foi lançada em 24 de maio de 2019 na Netflix e escrito por Mike Kelley. O enredo trata da história de Anne Montgomery (Reneé Zellweger) que viveu um grande

trauma durante sua infância por conviver com uma mãe hostil que a rejeitava e a culpabilizava pelos fracassos em seus relacionamentos. Tinha um amparo, que lhe trazia segurança, a figura de um vizinho.

Na adolescência, Anne passou pela sua primeira decepção amorosa ao ser abandonada e traída pelo garoto que gostava durante o baile da escola que frequentava. Em função disso, ela correu para casa chorando, sendo acolhida pelo o homem que ela mais confiava, seu vizinho. Ele a levou para sua casa para consolá-la e em seguida abusou de Anne. Ela preferiu culpar a si mesma já que confiava nele. Diante deste fato, Anne é surpreendida com uma gravidez indesejada. Foi descoberta por sua mãe que a culpou, dizendo que ela tinha destruído sua vida, virado um fracasso e um fardo para ela, alegando já ter fardos suficientes, expulsando-a de casa. O médico da clínica que ela procurou para possivelmente abortar a criança lhe sugeriu que seguisse com a gravidez e entregasse sua filha para um casal estéril que pagaria muito bem pelo bebê. A decisão tomada foi de entregar a criança.

Anne sabia quem era o casal que recebeu a bebê e nunca se afastou totalmente de sua filha, sempre a vigiava sem que ninguém soubesse. A vigilância que passou a ser maior após a morte dos pais adotivos de Lisa (Jane Levy) em um incêndio. Lisa, então, foi novamente adotada, agora por sua babá que não queria deixá-la aos cuidados do sistema de adoção. Assim, Lisa acabou ganhando dois irmãos. Contudo, sua irmã mais nova veio a falecer antes de completar nove anos por conta de uma leucemia. Essa perda marcou a vida da Lisa. Sendo que diante deste acontecimento, ela passou a dedicar-se completamente a pesquisas biológicas para encontrar a cura para a doença que matou sua irmã.

Sean (Blake Jenner), marido de Lisa, é um socorrista e barman que tem o sonho de se tornar bombeiro. Ele se esforça muito para salvar as vidas das pessoas e ama Lisa. Seu passado é marcado por traumas e violências difíceis de superar, que podem colocar todo o seu futuro, não apenas profissional, mas como também no relacionamento com Lisa.

O único problema deste casal é que a empresa de Lisa, a Emigen, está falindo. Ela não tem mais como manter as pesquisas e o emprego de seus funcionários. Mas, Lisa não desiste e continua tentando encontrar alguém que financie sua empresa e abrace seu projeto.

Anne permanecia vigiando todos os seus passos. Nesse momento diante, da situação financeira da Startup de Lisa, Anne decidiu aproximar-se entregando para Sean seu cartão no bar do hotel onde ele estava trabalhando. O que acabou deixando Lisa surpresa, já que Anne é conhecida por ser a maior investidora de risco, multimilionária e

conhecida por ser fria e cruel, mas por ser ótima empreendedora. Lisa já havia tentado marcar uma reunião com ela, mas nunca tinha recebido retorno.

Anne, então, convida o casal para uma reunião de negócios para que a proposta seja apresentada, mas, entretanto, se surpreende quando a única condição para que Lisa recebesse o investimento de oitenta milhões de dólares para sua Startup seria Anne passar uma noite com seu marido Sean. Confusos com a situação, o casal tenta entender por que essa estranha bilionária teria interesse em um projeto que não condiz com seu ramo de investimentos e ainda faria uma proposta tão ousada.

O casal acabou aceitando a proposta de Anne com a absoluta certeza que passariam por tudo sem dificuldades, mas logo que Lisa deixa Sean sozinho com Anne, percebe o erro que cometeu. Afinal, praticamente vendeu o marido para conseguir o patrocínio para sua empresa. Após se dar conta, Lisa tenta ir para casa de Anne para que rompa o contrato, mas a mesma já havia planejado tudo para que o contrato não pudesse ser rompido, afinal ela já tinha dado início à noite com o Sean.

Dessa forma, o conflito entre Lisa e Anne é o ponto central desenvolvido até o final da história que é permeada por manipulação, sedução, arrogância e poder. As reais motivações de Anne para que tenha estas atitudes com Lisa vão sendo reveladas ao longo da trama. No final da história, Lisa descobre que Anne é sua mãe biológica e diante de todas as situações constrangedoras que Anne fez Lisa passar, ela questiona: que tipo de mãe você teve? Quem faria isso com a própria filha?

Anne responde que suas reais intenções eram fazer Lisa virar uma mulher sábia, suficiente para nunca confiar em ninguém, uma mulher que jamais seria uma vítima, por isso Anne perseguiu Lisa e o marido, pois para Anne, Sean não era uma pessoa confiável devido ao seu passado violento.

### **Instrumentos**

Algumas cenas do filme foram selecionadas, organizadas e dispostas em uma tabela, buscando listar as cenas mais relevantes, levando em conta os objetivos e o problema de pesquisa. Segundo Laville e Dionne (1999), os recortes de conteúdos utilizados para análise podem ser organizados e classificados por categorias, para que os elementos sejam mais facilmente relacionados com a teoria em questão. Segundo Gil (2008), “a adequada apresentação dos resultados exige a prévia descrição dos dados, que geralmente é feita mediante tabelas, quadros e gráficos seguidos de textos esclarecedores” (p.183).

## **Procedimentos**

Em um primeiro momento, para o desenvolvimento deste trabalho, buscou-se material bibliográfico referente ao tema para a construção da revisão de literatura, apresentando referenciais apropriados ao objetivo da pesquisa. Fez-se uso de livros e artigos com base na teoria psicanalítica, encontrados na Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul e no acervo pessoal, referentes ao conceito de narcisismo e a Teoria do Apego. Os artigos foram obtidos na base de dados *BVS-Psi* e *Scielo*. Os principais descritores foram narcisismo, teoria do apego e narcisismo e poder. Foi utilizada a série “Dilema em inglês *What/if*”, como fonte, sendo selecionadas e recortadas as cenas que melhor retrataram as situações de narcisismo patológico, apego e as relações de poder. Além disso, com categorias que emergiram a partir do agrupamento das cenas definidas do filme, realiza-se um elo entre o artefato cultural e a revisão de literatura, priorizando a Teoria Psicanalítica, especificamente a Teoria do Apego de John Bowlby.

## **Referencial de Análise**

O referencial de análise escolhido foi a análise de conteúdo que, segundo Lavige e Dionne (1999), é um método que possibilita ao pesquisador a desconstrução dos elementos e dos conteúdos, objetivando extrair destes um significado e a obtenção de características. Proporciona um vasto caminho para a cientificidade, juntamente com a desconstrução de elementos, conteúdos e significados provenientes dos diversos materiais buscados, objetivando construção de novos conhecimentos. Utilizou-se o modelo aberto, em que as categorias não são determinadas desde o início, mas vão sendo construídas ao longo da análise.

No presente trabalho, as mesmas foram definidas a *posteriori*. Este modelo é utilizado, geralmente, em pesquisas de caráter exploratório, em que o pesquisador não tem conhecimento vasto sobre a área estudada, e busca um aprimoramento a respeito e a estratégia de emparelhamento. Para Lavige e Dionne (1999), a análise de conteúdo auxilia com propósito de explorar uma investigação detalhada da coleta de dados, retirando as principais ideias e descartando conceitos que não se encaixavam com o problema da pesquisa. Os autores afirmam que a análise de conteúdo é muito aplicada nos dados apresentados como discurso, abrangendo textos retirados de documentos. As etapas do processo de análise de conteúdo se definem em recorte dos conteúdos, definição das categorias analíticas e a categorização final das unidades de análise.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para responder aos objetivos desta pesquisa, foi utilizado como fonte a série Dilema ou “*What/if*”. O artefato escolhido foi assistido diversas vezes, permitindo que fossem selecionadas cenas que proporcionassem o desenvolvimento dos resultados deste trabalho, bem como a análise segundo o tema do mesmo. Foi elaborada uma tabela de modo que foram distribuídas em três categorias de análise: contextualização histórica, aspectos patológicos do narcisismo e as relações de poder. Ressaltando que a série não ocorre em ordem cronológica e as cenas foram apresentadas conforme as categorias correspondentes. A partir dessa seleção de cenas, foram criadas categorias que serão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1

### *Categorias de Análise e Cenas do Artefato Cultural*

<b>Categorias</b>	<b>Cenas/Descrição</b>
<b>1. Contextualização Histórica</b>	<p><b>A.</b> Ane olha pela fechadura e recorda-se do passado onde presenciava sua mãe brigando com um homem, que não era seu pai. Ane lembra que sua mãe sofria agressões e após sempre a culpava.</p> <p><b>B.</b> Lisa espera Anne na frente da casa da sua infância, Ane questiona como ela sabe daquele lugar. Lisa descobre alguns segredos da vida de Anne e a enfrenta. Anne convida Lisa para entrar, pois quer lhe contar uma história. Anne: “uma garotinha morava aqui inocente, idiota, mas todas as garotas são idiotas até aprenderem. Tinha um garoto, sempre tem um, não é? Ane começa a recordar dela com um vestido e um buquê que ele mesmo colocou nela, ele disse que ela estava linda e ela acreditou até que o viu num cantinho escuro no meio do baile com a mão dentro do vestido de outra, ela correu pra casa de debaixo de chuva achando que estava com o coração partido... O que acha mais idiota? Que ela tenha apaixonado por aquele rapaz ou, com aquela traição tão previsível, ela tenha achado que estava mesmo sofrendo? Estava angustiada, então desabafou com o único homem em quem confiava, aquele que sempre tinha sido amável, ela deixou que ele a abraçasse, sempre gostara das mãos dele, calejadas, cálidas, uma confirmação de que ele valia a pena. Quando ele começou a tocar outros lugares, ela não sabia como resistir, confiava nele, como poderia culpar outra pessoa além de si mesma por aquilo? E pela consequência que depois surgiu? Diante disso, Anne lembra da sua mãe pedindo para ela o que era aquele teste de gravidez, alegando que ela tinha destruído sua vida tinha fracassado e virado um fardo pra ela e a mãe dela já tinha fardos suficientes sendo assim ela vai embora e a história</p>

podia terminar aí, outra garota grávida e expulsa de casa.

C. Anne relembra e conta para Lisa sobre a decisão da sua gravidez: “o médico da clínica me ofereceu outro tipo de escolha, o de levar a gravidez até o final e dar a criança para um casal estéril que pagaria muito bem pelo privilégio. Uma só escolha permitiria que a garota se reconstruísse e virasse outra pessoa, uma mulher sábia o suficiente para nunca confiar em ninguém, uma mulher que jamais seria uma vítima. Então abandonei a minha filha, mas nunca deixei de observá-la, como poderia? Quando o casal desesperado morreu num incêndio”. Nesse momento Lisa fica abalada e inconformada não acredita. A: “vi a babá adotando a garota, vi como ela cresceu pensando ser a filha de outra mulher, mas com uma mente tão afiada e uma ambição tão grande, como ela poderia ser de outra pessoa a não ser minha?” L: “Pare! Não acredito”. A: acredite ou não, a criança é você”. Lisa chorando muito questiona Anne: “que tipo de mãe colocaria a filha neste inferno? Você sabe muito bem como é ser a presa, se sentir impotente”. A: “você nasceu para ser extraordinária, mas aquela família te transformou em alguém que confia nos outros, que é fraca eu te coloquei num molde diferente e aqui está você: livre de todas aquelas tendências corrompidas e mais forte do que nunca. O sucesso está na ponta dos seus dedos eu o alcancei, mas você tirou de mim. Sou rica o suficiente para fundar centenas de empresas. Venha comigo, crie um futuro ao meu lado, um futuro de potencial ilimitado ou leve uma vida de autopiedade e arrependimento, pense nisso, mas sei que vai tomar a decisão certa, a decisão digna de uma filha minha”. L: “Fico imaginando o tipo de mãe que você teve se acha que uma mãe deve ser assim”.

---

### Aspectos Patológicos do Narcisismo

D. Anne e Lisa estão no quarto assistindo um filme clássico da dualidade de Hitchcock e conversando sobre a vida pessoal de cada uma e Lisa diz para Anne que está preocupada com as pessoas que ama. Anne pergunta para Lisa: “Você acha que sou incapaz de amar?”

L: “Não sei, mas baseado no que vejo e noto ela leva uma vida de solidão.

A: “A solidão é involuntária, e eu escolhi ficar sozinha”.

L: “Mas também não parece ser nada agradável, mas já que tocou no assunto, já viveu?”

A: “O que?”

L: “O amor. Já amou alguém?”

A: “Sim”.

Nesse momento Anne lembra da sua infância, do seu vizinho Sam, o encanador, que sempre que podia lhe protegia e defendia da sua mãe. Anne lembra que ele ajudou a escolher o nome e para se cuidar do seu grilo de estimação, pois sua mãe ameaçou de se o livrar. Anne conta para Lisa que era muito nova e ele era muito gentil. Lisa pergunta se era seu

pai, ela responde que nunca conheceu seu pai.

**E.** Após uma falha mecânica no voo que levaria Lisa e Ane para uma reunião em Washington, é feito um pouso de emergência e as duas passam a noite em um hotel até o voo ser liberado. No hotel as duas conversam sobre trabalho, mas principalmente sobre a vida pessoal, Lisa conta um pouco da sua infância e conta como ela tinha uma infância feliz. E questiona como foi a infância de Anne e ela responde que não foi diferente, mas ao mesmo tempo recorda que sua mãe vivia em conflitos com homens que frequentavam sua casa e acabava descontando toda sua raiva e frustração nela. Nota-se como Anne fica abatida com as lembranças, logo após Anne muda totalmente seu semblante se levanta e bate à porta do quarto ao lado, onde estavam fazendo um festinha com música alta. O homem abre a porta e Anne fala: “parece que vocês estão se divertindo aí dentro”. Ele a convida para dançar, mas ela responde que não pode, pois precisa dormir e pede que ele baixe o volume. Depois disso Anne finge que vai desmaiar, tosse encenando que está doente e olha para Lisa e fala ela vai curar o câncer com sorte, o mais rápido possível. Ele se comove se dirige para o quarto e grita para os amigos baixarem o volume e que é para eles continuarem a festa em outro quarto. Ele se vira novamente para ela e diz sorte senhora, vou rezar por você, ela agradece. Lisa se dirige a ela e diz:

L: Você é inacreditável

A: O nosso vizinho me achou convincente.

L: Só para saber, você não está doente?

A: Estamos todos doentes, alguns só escondem melhor.

**F.** Foster, empregado de Anne, apavorado com as decisões da sua chefe a enfrenta: “a pior vítima é aquela que cria outras como ela, nunca pensei em ter que repetir isso pra você”.

A: “Não sou vítima de ninguém”.

Abalada Anne pega uma chave e pede que Foster a leve até a um local. Anne vai até sua antiga residência, onde ela morava na infância, perambula pela casa, reflexiva, olha um porta retrato que aparece sua mãe com ela meio recuada ao fundo. Depois ela vai para seu antigo quarto, de infância, abalada se senta em sua cama e abraça seu travesseiro e seu urso, grita e chora.

**G.** Após Anne contar para Lisa sua história e revelar que ela era sua filha, Lisa chorando muito a questiona: “que tipo de mãe colocaria a filha neste inferno? Você sabe muito bem como é ser a presa, se sentir impotente”. A: “você nasceu pra ser extraordinária, mas aquela família te transformou em alguém que confia nos outros, que é fraca eu te coloquei num molde diferente e aqui está você: livre de todas aquelas



tendências corrompidas e mais forte do que nunca. O sucesso está na ponta dos seus dedos eu o alcancei, mas você tirou de mim. Sou rica o suficiente para fundar centenas de empresas. Venha comigo, crie um futuro ao meu lado, um futuro de potencial ilimitado ou leve uma vida de autopiedade e arrependimento, pense nisso, mas sei que vai tomar a decisão certa, a decisão digna de uma filha minha”. L: “Fico imaginando o tipo de mãe que você teve se acha que uma mãe deve ser assim”. Lisa se retira da casa e Anne fica arrasada, anda pela casa se dirige ao porta retrato em cima da lareira e chora ao olhar a fotografia, que está ela e sua mãe, e dá um soco no porta retrato. Após Anne vai a clínica onde sua mãe está internada e deita-se ao lado dela na mesma cama, bem fragilizada, segura sua mão e chora

---

### 3. Narcisismo e as Relações de Poder

**H.** Anne está em uma sala de reunião com investidores e fala: “Nenhuma espécie consegue imaginar a própria extinção, mas não visualizar o futuro não o impede de devorar você, os dinossauros sabem disso, é bem isso o que vocês são – **todos se olham** -, pois é isso que vocês são, antigas criaturas, testemunhando o nascimento da história. A Startup Emigen é o futuro... vocês são o passado...Depois disso, vocês vão ver o lucro cair pela metade, digam adeus ao bônus maravilhoso, quer dizer, se ainda tiverem um emprego”.

Clive um dos investidores responde: “Já entendemos, Anne”.

A: “Acho que não, Clive, reservem um tempinho pra refletir sobre as consequências do fluxo de caixa secando. Quem vai pagar as internações da sua filha nas clínicas de reabilitação? E todos aqueles que suborna para abafarem o caso. Andrew aquele vício milionário em jogo não se sustenta sozinho, nem o seu harém de acompanhantes de luxo, Russell, Philip”.

Um dos outros investidores da mesa grita: “Chega Anne, se você queria nos convencer a entupir a Emigen de processos, missão cumprida”.

**I.** Lisa e Sean estão na festa de Anne para ouvir a proposta que ela vai fazer em troca do financiamento da Startup de Lisa. Lisa e o marido esperam Anne na sala de reunião. Anne chega e o casal se leva para cumprimentá-la, mas Anne diz que eles podem ficar sentados e que ela não vai demorar.

A: “Você deve ser Lisa”.

L: “Agradeço o seu tempo, Sra. Montgomery, vou direto ao ponto”.

A: “Não precisa, pesquisei sobre você, do contrário, não estaria aqui”.

L: “Obrigada!”..

A: “Não me agradeça ainda, a minha concorrência toma

decisões por medo como o arrogante do Gage Scott, que não aprovou sua proposta. Eu trabalho com potencial, acredito que a sua empresa tenha e muito, mas você não me convenceu. L: “Como posso mudar isso?”

A: “Leu meu último livro?”

L: “Estudei o livro”.

A: “Mesmo? Então me digam.. planejam ter filhos?”

S: “Sim”.

L: “Um dia, no momento, estou totalmente focada na Emigen.

A: “Totalmente?”

L: Sei que a relação entre sacrifício e sucesso de verdade é a parte fundamental do seu negócio. O que eu quero dizer é que eu estou totalmente preparada. Nada é mais importante.

A: “Nem mesmo o seu casamento?”

S: “Que pergunta é essa?”

A: “É uma pergunta para ela. Sean deve ter contado como nos conhecemos. Ele pensou que eu estava dando em cima dele. L: “Mulheres espertas acham o Sean atraente.

Considero um elogio”.

A: “Está dizendo que viria hoje mesmo se eu tivesse dado em cima do seu marido?”

L: “Eu estou dizendo que ele nunca me trairia, confio nele”.

A: “É muito perigoso confiar em alguém, Lisa”.

A: “Hipoteticamente, vamos ignorar isso de traição. E se você concordasse com nosso caso? Seria uma condição aceitável em troca do investimento?”

L: “Está perguntando se eu trocaria o meu marido pela minha empresa? Não, não seria uma condição aceitável”.

Lisa olha para Sean e diz: Vamos embora! Anne é conhecida por explorar a fraqueza dos outros para ela, o nosso casamento é a minha. Entendi certo Anne?

A: “Pelos meus cálculos preciso investir 80 milhões para otimizar sua pesquisa, isso se ela for viável. Não é um valor que me deixa confortável, a menos que eu tenha a garantia de que a pessoa está disposta a fazer o necessário para ser bem-sucedida. Nesse caso, quero uma noite com seu marido, minha oferta expira em 24 horas”.

**J.** Lisa chega no escritório de Anne perguntando onde está Sean, seu marido.

L: “Você fez uma ligação anônima pra polícia? Pensei que pudesse ser humana, eu até senti pena de você”.

A: “Eu mesma acho difícil acreditar nessa parte”.

L: “Você disse que não transou com ele, como se isso fosse um presente, como se não tivesse feito muito pior”.

A: “E o que você imagina que eu tenha feito com ele, Lisa?” (pergunta com sarcasmo)

L: “Esfregou o passado na cara dele, fez o Sean se sentir um bandido assassino”.

A: “Perdi alguma coisa? Ou é exatamente isso que ele é?”

L: “Incitou o lado violento dele naquela noite, convenceu o Sean de que não era bom pra mim, e o incentivou a admitir um crime sobre o qual você não sabe nada, e por quê? Para garantir um investimento?”

A: “Porque não pergunta para ele?”

– **Sean aparece na sala – Lisa se dirige a Sean e pergunta**

L: “Me fala que estou errada, a sua mão machucada naquele dia foi porque ela ameaçou nos destruir com o passado?”

S: “Ela me deu uma escolha, terminar tudo com você e te deixar livre pra ser o que você seria de qualquer jeito ou desafiá-la, e deixa-la provar que eu mentiria, machucaria e arruinaria você, que fui e sempre serei um monstro”.

A: “Muito bem, Sean, muito bem, um homem precisa de um propósito e você cumpriu o seu.. o Sean acabou de contar em detalhes o que aconteceu entre nós naquela noite, como dizem os termos do contrato que assinamos a Emigen agora é minha, totalmente”.

**Lisa se dirige a Anne e fala**

L: “Quando confia numa pessoa, dá a ela o poder de te destruir, tinha razão, fui destruída”.

– **tira a aliança do dedo coloca sobre a mesa e sai**

**K.** A ex-namorada de Sean, Maddie Carter também foi alvo de manipulação. Anne prometeu para Maddie que se ela a ajudasse a manipular Sean ela pagaria uma clínica de reabilitação e a sustentaria. Contudo, a ex-namorada de Sean, não permaneceu muito tempo no jogo de Anne, afirmando que Sean não merecia passar por aquilo. Anne furiosa vai até a casa da Senhorita Carter e a enfrenta, deixando a sem nada e oferecendo drogas novamente para ela. Maddie é encontrada morta, no dia seguinte, devido a uma overdose. Foster pergunta para Ane o que ela deu para a Senhorita Carter. Ane responde: “eu lhe dei uma escolha ela escolheu errado, não sou ingênua a ponto de permitir que os meus planos dependam de alguém com os vícios de Maddie Carter”. Foster rebate: “lamento por Maddie e não por você eu lhe prometi lealdade, mas não vou ficar vendo como destrói a vida dos outros. A: “não serei responsável pela fraqueza alheia, quem é incapaz de evoluir não é nada além de escravo da própria natureza, as vezes eu até quero está errada, mas querer não é poder... até mesmo pra mim”.

**L.** Gage Scott é um investidor que no passado não quis investir na Startup de Lisa. Ele tem atração por Anne e ela usa do seu poder de sedução para tirar proveito e conseguir privilégios para a empresa de Lisa.

Anne está na sala tomando café e Foster chega e inicia um dialogo: “Gage Scott saiu com um ar de arrogância ainda maior, do que quando entrou, conseguiu o que precisava dele?”

A: “Zugzwang”.

F: “Como?”

A: “É um termo do xadrez, descreve a obrigação de fazer uma jogada mesmo sabendo que qualquer movimento vai enfraquecer a sua posição. Geralmente, indica que o jogo está chegando ao fim. Uma condição que o Sean Donovan com certeza reconheceria”.

F: Você já ganhou de mim várias vezes no xadrez. Já sobrevivi a uma gama de zugzwang”.

A: “É verdade, mas não entendi, aonde você quer chegar?”

F: “Sei como você fica quando vê que sua vitória é certa, um brilho nos olhos, geralmente gosta muito, mas não está aproveitando”.

A: “Não mesmo?”

F: “Se eu não te conhecesse até diria que se arrepende de ter entrado neste jogo em particular”.

Anne: “Ao contrário, ainda há várias possibilidades nesta partida e sei muito bem que só podemos comemorar após a última jogada. Mas obrigada por me lembrar, de saborear a vitória no momento certo”.

- foster se retira-

Fonte: a autora, 2019.

Segue-se apresentando a discussão das categorias de análise com o intuito de abordar acerca do problema de pesquisa e poder aprofundar e refletir sobre essa temática.

### 1. **Categoria: Contextualização Histórica**

A primeira categoria proposta neste trabalho, retratadas pelas cenas A, B e C, refere-se à contextualização histórica da vida da personagem principal Anne Montgomery.

A forma como a criança vivencia seus primeiros laços emocionais, com a mãe ou outras figuras parentais, ou quem venha a cumprir com esse papel, são de extrema importância para o desenvolvimento da saúde psíquica do indivíduo (Bowlby, 1989; 1990). A privação materna, a falta de cuidados amorosos, influencia na saúde psíquica, física e social do indivíduo (Bowlby, 1989). Com base nessas primeiras relações, e na maneira como a criança foi cuidada será construído, dentro de si, um modelo representacional, um “projeto” interno baseado nas primeiras experiências com as figuras de apego, as quais irão gerar as expectativas sobre si do mundo como um todo, implicando diretamente no desenvolvimento da sua personalidade. O autor ainda reitera que o sistema de apego está presente do “berço ao túmulo”. Na Cena A, da primeira categoria, a personagem principal (Anne), está em seu quarto de infância, onde relembra que presenciou brigas de sua mãe com diferentes parceiros que frequentavam sua casa. Sua mãe tinha um comportamento hostil com ela, a rejeitava, e ainda, atribuía os fracassos do seus relacionamentos à Anne.

Na cena B, também é possível perceber esse comportamento hostil e de rejeição por parte da sua mãe quando a mesma a expulsa de casa, após encontrar no banheiro o teste de gravidez positivo de Anne e ainda fala: “*você destruiu minha vida, você é um fracasso, virou um fardo para mim*”. Anne teve uma infância e adolescência com cuidados maternos precários e constante rejeição por parte de sua mãe. Além disso, como apresentado na cena B, a única pessoa que Anne confiava, pois lhe protegia dos maus tratos da sua mãe, e dedicava-lhe alguns cuidados era seu vizinho, porém ele abusou sexualmente dela. Assim, entende-se que uma figura que era para ser considerada de proteção, também traumatiza a mesma ao ter essa atitude.

O modelo de apego que um indivíduo desenvolve durante os anos de imaturidade – primeira infância, infância e adolescência – é profundamente influenciado pela maneira como seus pais, ou outras figuras parentais substitutas, o tratam, podendo gerar consequências distintas no comportamento e desenvolvimento. Diante da história e traumas vivenciados pela personagem é possível perceber que Anne tenha desenvolvido o modelo de apego ansioso com evitação, que se caracteriza por crianças que tem dificuldades em confiar nos outros, acreditando que serão rejeitadas e não terão ajuda ou cuidado dos seus pais. No futuro, esse sujeito poderá buscar ser autossuficiente, terá dificuldade de confiar em outras pessoas, não dependerão de ninguém, mostrando-se independente emocionalmente, podendo apresentar-se na vida adulta com aspectos narcisistas patológicos (Bowlby, 1989; 1990).

Enfim, na cena C, Anne conta para Lisa que buscou uma clínica para realizar o aborto, sendo que o médico da clínica lhe sugeriu esperar a criança e doar sua filha para um casal estéril. Anne afirma que queria que a garota se reconstruísse e virasse outra pessoa, uma mulher sábia o suficiente para nunca confiar em ninguém, uma mulher que jamais seria uma vítima. Lisa se dá conta que a filha de Anne é ela, e chorando muito, ela questiona: *que tipo de mãe colocaria a filha neste inferno? Você sabe muito bem como é ser a presa, se sentir impotente*”.

A perda ou separação involuntária de um vínculo já estabelecido com uma pessoa importante, pode dar origem a alguma perturbação na personalidade do sujeito, surgindo sentimentos de raiva, ansiedade e por fim, o desligamento emocional (Bowlby, 1997). Assim sendo, pode-se identificar que Anne enfrentou algumas rejeições durante a infância, como a negligência emocional, que era suprida, em partes, pela figura do vizinho, a culpabilização, por parte de sua mãe, pelos fracassos em seus relacionamentos e, posteriormente, o abandono na adolescência após descobrir que Anne estava grávida. Além disso, ressalta-se que o vizinho, único que Anne confiava, pois lhe protegia e lhe

proporcionava alguns cuidados, foi o mesmo que em um momento de total vulnerabilidade abusou-lhe sexualmente. Portanto, o desenvolvimento de Apego Ansioso com Evitação, gerando a resistência de Anne confiar em alguém na vida adulta está diretamente relacionada a essas séries de acontecimentos traumáticos vivenciados na sua infância.

Ainda na cena C, citada anteriormente Anne afirma: *“Você nasceu pra ser extraordinária, mas aquela família te transformou em alguém que confia nos outros, que é fraca, eu te coloquei num molde diferente e aqui está você livre de todas aquelas tendências corrompidas e mais forte do que nunca.* Lisa inconformada afirma: *“Fico imaginando o tipo de mãe que você teve, se acha que uma mãe deve ser assim”.* A forma como uma mãe atende às demandas infantis está diretamente relacionada aos primeiros vínculos afetivos com seus primeiros cuidadores, isto é, as experiências iniciais de um indivíduo com seus pais/cuidadores estão relacionadas à capacidade de estabelecer vínculos posteriormente (Bowlby 1989).

Por fim, uma criança que foi rejeitada, na fase adulta, nas suas relações, ficará receosa em confiar e tornar-se apegada a alguém. Dentre os motivos possíveis está o medo de ser rejeitada novamente e entrar em contato com emoções como ansiedade e raiva, as quais já vivenciou no passado. As pessoas ao seu redor, terão o mesmo tratamento que receberam no passado – com rejeição e abuso - pois é a única maneira que eles lembram e aprenderam quando crianças (Bowlby 1989).

## **2. Categoria: Aspectos Patológicos do Narcisismo**

Na Cena D Anne e Lisa estão no quarto assistindo um filme de Hitchcock. A: *“Você acha que eu sou incapaz de amar?”*

L: *“Não sei, mas baseado no que eu vejo e noto, percebo que você leva uma vida de solidão”.*

A: *“A solidão é involuntária, e eu escolhi ficar sozinha”.*

L: *“Também não parece ser nada agradável, mas já que tocou no assunto, já viveu?”*

A: *“O que?”*

L: *“O amor. Já amou alguém?”*

A: *“Sim”.*

Neste momento Anne recorda da sua infância, do seu vizinho, que sempre que podia lhe protegia e defendia da sua mãe. Ele era muito gentil, era o amor de Anne durante sua infância e adolescência, contudo, foi a pessoa que lhe abusou sexualmente. Segundo Kohut (1984), a patologia narcisista é entendida como um mecanismo de defesa que surge por perda ou afastamento de uma figura de afeto ou objeto idealizado, construindo, assim,

um trauma que põe em risco a autoestima e desestrutura o funcionamento psíquico do sujeito.

Kohut (1988), ainda, enfatiza possíveis relações entre transtornos narcísicos e “falhas” de seus cuidadores. Além disso, nessas situações, existe uma sensação de desapontamento causada pelos pais, que geram questionamentos no sujeito como: “que objetos lhe resta amar senão eles mesmo?” (Green, 1988)

Freud (1914/1969) destaca que no narcisismo, o Eu procura ser amado como seu próprio ideal, esse amor constitui um sistema extremamente fechado. Pode-se pensar que Anne demonstra na cena C, sua dificuldade de confiar nos outros, quando diz para Lisa que a sua família adotiva a transformou em alguém que confia nos outros, que é fraca. De acordo com Ferreira (2010), o sujeito narcisista não se apaixona, pois para apaixonar-se seria necessário um investimento no objeto externo, um engrandecer das qualidades e valores do outro, o que não é possível acontecer, já que na patologia narcisista a libido do sujeito é direcionada apenas para o próprio ego.

Anne não consegue amar e doar-se a ninguém. E, segundo Green (1988), no narcisismo primário não existe investimentos a outros objetos, organização das pulsões parciais são direcionadas somente ao Eu, e é caracterizado também pelo fato do Eu encontrar em si mesmo a satisfação, com percepção de autossuficiência. Freud (1914/1969) destaca que, quando existe alguma perturbação no desenvolvimento libidinal, o sujeito vai escolher a si mesmo como objeto de amor e não buscar em outros sujeitos essa identificação. Pode-se entender que Anne teve um rompimento repentino no seu desenvolvimento, dessa maneira começou a buscar tudo para si mesma sem considerar o outro. Além disso, Recktenvald (2010) aponta para a dificuldade desses sujeitos em relacionamentos interpessoais, devido à falta de empatia e vida emocional superficial, entre outros.

Em 3 cenas, (E, F, G) pelo menos, pode-se identificar como Anne se desestabiliza com as lembranças de rejeição, traição, abuso e abandono sofridas em sua infância. Em relação à cena E, noite que Lisa e Ane passaram em um hotel, em Washington até o vô ser liberado, as duas conversam sobre trabalho, mas principalmente sobre a vida pessoal, essa conversa deixou Anne mobilizada, abatida com as lembranças da sua infância, mudando totalmente seu semblante. Ane se levanta e bate na porta do quarto ao lado, onde estavam fazendo um festinha com música alta. O homem abre a porta, Anne finge estar com câncer e diz que precisa descansar, ele se comove com o discurso dela e ajuda a colocá-la na cama, se dirige aos amigos e diz para baixarem o som e continuar a festa em outro quarto.

Na cena F, Anne é confrontada por Foster quando ele pontua para ela: *“a pior vítima é aquela que cria outras como ela... nunca pensei em ter que repetir isso pra você”*. Após, Anne pede que Foster a leve até um local, que é a sua casa de infância. Ao chegar, ela perambula pela casa reflexiva, olha um porta retrato que aparece sua mãe com ela meio recuada ao fundo. Abalada com suas memórias de infância ela vai para seu antigo quarto senta-se em sua cama, abraça o travesseiro e seu urso chorando.

Na cena G, também é possível identificar certa fragilidade em Anne, momento após ela ter revelado que Lisa é sua filha biológica e ter sido questionada que tipo de mãe ela teve. Anne fica pensativa, se dirige ao um porta retrato que fica em cima da lareira, chora ao olhar a fotografia e dá um soco no objeto. Depois disso, Anne vai à clínica onde sua mãe está internada, deita-se ao lado dela, na mesma cama, bem fragilizada, segura sua mão e chora.

Nas cenas E, F e G, citadas anteriormente, é possível perceber que Anne evita entrar em contato com os sentimentos dolorosos que as lembranças da infância lhe causam, Anne não se mantém muito tempo em uma posição de vítima. Após ser confrontada por Lisa e Foster, não demonstra sua fragilidade, mudando totalmente a sua postura e o seu semblante, voltando-se para o seu estado habitual de onipotência.

Segundo Vries e Miller (1990), pessoas com traços narcisistas fortes sentem que não devem confiar nos outros, somente em si próprios. Estão convencidos de que não podem confiar no amor ou na lealdade de ninguém. Acreditam ser autossuficientes, mas, no seu íntimo, ressentem-se de um sentimento de perda e de vazio. Para talvez mascarar sua insegurança, esse sujeito narcisista preocupa-se em estabelecer sua competência, seu poder, sua beleza, seu *status*, seu prestígio e sua superioridade.

Segundo Lowen (1983), o narcisismo se desenvolve a partir da negação de sentimentos. As duas principais emoções inibidas nesses sujeitos são: a tristeza e o medo. Elas são importantes, pois sua expressão faz a pessoa sentir-se vulnerável à possível rejeição e humilhação. Não querer ou não sentir desejo é uma defesa contra possível dano ou mágoa. A negação de tristeza e medo habilita a pessoa a projetar uma imagem de independência, coragem e força. A imagem, entretanto, é apenas uma fachada, no seu íntimo essa imagem não tem força, carecendo da força efetiva de sentimentos vigorosos, o narcisista necessita de poder, da qual realmente não possui, para mascara a deficiência.

### **3. Categoria: Narcisismo e as Relações de Poder**

As principais características dos sujeitos com traços narcisistas destrutivos são a grandiosidade, arrogância, não sentem a necessidade que alguém os ame e isso justifica-se



pela natureza dominadora, manipuladora, independente, sedutora, sentimento de onipotência, podendo ainda vir a explorar os outros já que a empatia é inexistente (Lubit 2002). É possível perceber algumas dessas características citadas anteriormente na cena H, quando Anne está em uma reunião de negócios manipulando os investidores, através de chantagens, para que eles processem a Startup Emigen. Isso fica evidente no seguinte diálogo:

A: *“Quem vai pagar as internações da sua filha nas clínicas de reabilitação? E todos aqueles que suborna para abafarem o caso. Andrew e aquele vício milionário em jogo não se sustenta sozinho, nem o seu harém de acompanhantes de luxo, Russell, Philip... Um dos outros investidores da mesa grita: chega!! E diz: se queria nos convencer a entupir a Emigen de processos, missão cumprida.*

Segundo Lowen (2017), o controle desempenha a mesma função que o poder: a de proteger os sujeitos de possíveis humilhações. Controlando a si mesmos, negando sentimentos que o coloque em posição de vulnerabilidade, ou seja, o poder e o controle andam juntos e atuam para proteger o sujeito do sentimento de fragilidade e da possível humilhação.

Nas cenas I e J também pode-se identificar a manipulação exercida por Anne. Na cena I, Lisa e Sean estão na festa de Anne para ouvir a proposta. Lisa diz estar focada somente na Emigen, pois sabe que para Anne a relação entre sacrifício e sucesso de verdade é a parte fundamental do seu negócio”. Para Anne casamento e filhos são acontecimentos que impedem de alcançar o sucesso e, Anne sabe que a maior fraqueza de Lisa é o seu casamento, por isso pede uma noite com seu marido, Sean, em troca do financiamento da Startup de Lisa. De acordo com Lowen (2017), vencer é a única coisa que conta para sujeitos narcisistas. Minimizam valores e subordinam os sentimentos dos outros a fim de vencer, de estar no topo, de ser o número um. Dessa forma, para que essa meta seja atingida é necessário a negação dos próprios sentimentos pessoais, pois nada deverá interpor-se no caminho do sucesso. Na cena J, também é possível perceber o jogo manipulativo de Anne. Quando o casal aceitou a proposta não imaginava que Anne iria colocar um contra o outro. Anne deu a escolha para ele de terminar tudo com Lisa e deixá-la livre ou desafiá-la. Anne fez uma ligação anônima para polícia, denunciando Sean de um crime que ocorreu no passado, sendo que o memo acabou optando por se entregar e não prejudicar Lisa.

O poder é fonte de prazer, o poder é inerente à profunda solidão, isto é, exatamente aquilo que diferencia o individuo dos demais no ‘quase absoluto da ação, numa quase onipotência’. O preço que se paga por ser o único a gozar por esses privilégios é alto. Toda

libido é deslocada para o poder, contudo é somente com a libido orientada para o outro que o sujeito sai do seu narcisismo e realiza um relação de amor. Quando a libido não é direcionada para outros objetos os sujeitos narcisistas não enxergam mais nada a não ser o seu próprio poder e prestígio. (Schirato 2006).

Anne, na cena K, quando ela também manipula a ex-namorada de Sean, Senhorita Maddie Carter, oferecendo luxo e reabilitação para o seu vício em heroína. Com tanto que ajudasse no seu plano de destruir Sean. Quando ela se recusa a dar continuidade, Anne se mostra furiosa. Segundo Vries e Miller (1990), os relacionamentos interpessoais dos sujeitos narcisistas são seriamente comprometidos pelos seus comportamentos destrutivos. Esses indivíduos não têm empatia com outras pessoas, nem capacidade para entendê-las profundamente. Mais do que se referirem aos outros como seres humanos com direitos e necessidades, preocupam-se em como os outros podem servir sua necessidade. Anne não estava receosa com o mal que estava fazendo com a senhorita Carter ao lhe oferecer novamente heroína, ou ao mal que estava a causar no relacionamento de Lisa e Sean, estava somente importando-se com o que cada um podia lhe oferecer contanto que atendesse suas exigências.

Segundo Vries e Miller (1990), o que assusta nos comportamentos desses sujeitos é a exploração dos outros. Sujeitos com patologias narcísicas normalmente vivem na ilusão de que são especiais e que devem ser servidos, de que seus desejos são prioridades em relação ao desejos dos outros. Pode-se identificar essa postura em Anne na cena L, quando ela explora Gage Scott através do seu jogo de sedução para conseguir a reunião em Washington para Lisa apresentar seu projeto.

Portanto, pode-se perceber que sujeitos com os traços narcisistas, como por exemplo a personagem principal, Anne, podem ser cruéis, apresentar comportamentos sádicos, serem exploradores e destrutivos para com os demais, isso porque são insensíveis ao sofrimento ou sentimento de outra pessoa. Essa insensibilidade advém do próprio entorpecimento dos seus sentimentos (Lowen, 2017).

Pode-se entender que a necessidade da personagem em manter uma imagem de uma pessoa forte, onipotente é a maneira que ela lida para não entrar em contato com qualquer sentimento que seja diferente com a imagem que deseja passar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho pautou-se em aportes teóricos voltados para psicanálise, buscando-se tanto os principais autores clássicos, como os contemporâneos que se referissem à temática. A teoria Psicanalítica explana sobre a constituição psíquica do sujeito, podendo-se entender como acontecem os registros inconscientes desde os anos iniciais e como a reorganização da estruturação psíquica pode repercutir na vida adulta do sujeito. Explorou-se também alguns aspectos fundamentais da teoria do apego referente à importância da qualidade dos primeiros laços emocionais. Isto é, como os modelos de apego influenciarão no desenvolvimento da personalidade, e posteriormente, como os comportamentos nos relacionamentos estabelecidos pelos indivíduos, irão se manifestar.

Ampliou-se a pesquisa com a leitura e utilização de alguns referências de artigos científicos. Além disso, escolheu-se um artefato cultural, a primeira temporada da série “Dilema/ *What if* “(2019), para que as construções teóricas pudessem ser melhor elucidadas, com a finalidade de alcançar uma aplicação prática dos conceitos, isto é a série proporcionou que a discussão fosse feita de maneira diferenciada. Diante das cenas ilustradas, pôde-se estabelecer uma discussão, articulando o conteúdo elencado pela revisão teórica, observando características passíveis de associação com os casos de sujeitos em que o psicólogo pode-se deparar constantemente, principalmente com o “aumento das patologias do vazio” (Caniato & Nascimento, 2010).

O desenvolvimento desta pesquisa foi realizado em dois momentos diferentes. Primeiramente, procurou-se pesquisar e desenvolver o referencial teórico que pudesse dar suporte a futura discussão. A partir das leituras realizadas pela pesquisadora pode-se identificar a importância deste estudo para o desenvolvimento da pesquisa, mas também para o conhecimento pessoal e profissional agregando na formação em psicologia. E no segundo momento, foi elaborada, então, o entendimento da teoria com a história de Anne Montgomery e suas relações.

As possíveis relações entre a história e aspectos teóricos proporcionou à pesquisadora diversas reflexões e questionamentos. A personagem principal, Anne, cresce em um ambiente hostil, com constante rejeição e com poucos cuidados, tanto na sua infância como na adolescência. Neste caso, colaborando para desenvolvimento do modelo de apego ansioso evitativo. Por isso, Anne, na vida adulta, tornou-se uma pessoa com fortes aspectos da personalidade narcisista. Indivíduos com essa patologia não confiam em ninguém, são independentes emocionalmente e conseqüentemente não conseguem descentrar-se não investindo em outros objetos. Sua libido é direcionada somente para si, pois encontra somente satisfação consigo mesmo, tendo uma percepção de

autossuficiência. Vem daí o uso da manipulação e sedução sem que haja arrependimento, pois os sujeitos estruturados com patologias narcísicas não reconhecem as qualidades e sentimentos dos outros, há uma enorme dificuldade de sentir empatia pelo.

Assim como Anne, existe inúmeros sujeitos com a patologia narcisista. Diante disso, destaca-se a importância de um ambiente acolhedor, principalmente nos anos iniciais, que atenda às necessidades emocionais básicas dos sujeitos, pois é diante destes primeiros cuidados que a personalidade do irá se constituir. Por fim, acredita-se que os objetivos, tanto geral como específicos, foram alcançados, na medida em que os diferentes capítulos e categorias possibilitaram a compreensão sobre o conceito do narcisismo patológico, teoria do apego e as relações de poder. O trabalho foi muito enriquecedor para a pesquisadora, sugerindo-se a continuidade de estudos acerca deste assunto, principalmente relacionando à teoria do apego.

## REFERÊNCIAS

- Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. (2ª ed., V. L. B. de Souza & I. Rizzini, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1951)
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: implicações clínicas da teoria do apego*. O cuidado com as crianças (S. M. de Barros, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1988)
- Bowlby, J. (1990). *Apego e Perda: A natureza do vínculo* (L. H. B. Hegenberg, O. S. Mota & M. Hegenberg, Trads.) São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2006). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. (3ª ed., A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982)
- Caniato, A. P. M. & Nascimento, M. L. V. (2010). A subjetividade na sociedade de consumo: do sofrimento narcísico em tempos de excesso e privação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 25-37. Acesso em 20 de Outubro, 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v62n2/v62n2a04.pdf>
- Chasseguet-Smirgel, J. (1998). Perversión, sexualidad, narcisismo. *Revista de Psicoanálisis*, 55(3), 687-690.
- Decian, C. (2013). *A constituição psíquica e o corpo*. Trabalho de Conclusão de Curso não publicado, Departamento de Humanidades e Educação, Curso de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, Brasil.
- Kelley, M. (Produtor) & Kelley, M. (Diretor). (2019). Dilema [série]. Estados Unidos da América: Atlas Entertainment & WarnerBros. Television.
- Freud, S. (1996). Além do Princípio do prazer. In J. Salomão (Ed.). *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp.11-75, J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 25, P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920-1923)
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Salomão (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 24, pp. 30-59, C. M. Oiticica, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Introdução à metapsicologia Freudiana* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais [Versão Eletrônica]. *Revista de Administração de Empresas*, 35(3), 20-29.

- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1983)
- Kernberg, O. F. (2000). *Ideologia, Conflito e Liderança em grupos e organizações* (A. Fillmann, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1998)
- Klein, M. (1997). *A psicanálise de crianças*. (L. P. Chaves, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Kohut, H. (1988). *A análise do self*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Kohut, H. (1984). *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1978)
- Langaro, F. N. & Benetti, S. P. D. C. (2014). Subjetividade contemporânea: narcisismo e estados afetivos em um grupo de adultos jovens. *Psicologia Clínica*, 26(2), 197-215. Acesso em 28 de Setembro, 2019, de <https://www.redalyc.org/pdf/2910/291033513012.pdf>
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (H. Monteiro & F. Settineri, Trans.). Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais. (Trabalho original publicado em 1997)
- Lazzarini, E. R. & Viana, T. D. C. (2010). Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea [Versão Eletrônica]. *Análise psicológica*, 28(2), 269-280.
- Lowen, A. (1983). Narcisismo: Negação do verdadeiro self (A. Cabral, trad.).
- Lubit, R. (2002). O impacto dos gestores narcisistas nas organizações. *Revista de Administração de Empresas*, 42(3), 1-12. DOI: 10.1590/S0034-75902002000300007
- Minayo, M. C. (2008). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Monti, M. R. (2008). Contrato narcisista e clínica do vazio [Versão Eletrônica]. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 11(2), 239-253.
- Pope, C. & Mays, N. (2009). *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde* (3ªed., A. P. Fajardo, Trad.). São Paulo: Artmed. (Trabalho original publicado em 2006) Acesso em 26 de Setembro, 2019, de <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536318578/cfi/1!/4/4@0.00:65.7>
- Ramires, V. R. R. & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 25-33. DOI: 10.1590/S0102-37722010000100004
- Recktenvald, K. (2010). A fragilidade oculta sob a armadura: a relação entre transtornos narcisistas e organização de falso self. *Revista contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 10(2), 186-212. Acesso em 20 de Agosto, 2019, de

<http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/AFragilidadeOculta.pdf>

- Schirato, M. A. R. (2006). *O percurso do jovem executivo na arquitetura do poder das organizações sob o ponto de vista psicanalítico*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.
- Silva, A. L. P. & Viana, T. C. (2015). A deficiência simbólica na subjetividade pós-moderna: bases para uma sociedade narcísica. *Barbarói*, 45(2), p. 9-29. DOI: 10.17058/barbaroi.v0i0.7073
- Vasconcellos, M. C. (2014). Narcisismo a procura de sua imagem no espelho: algumas reflexões sobre o narcisismo na atualidade [Versão Eletrônica]. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 21(3), 661-674.
- Vries, M. F. K. & Miller, D. (1990). Narcisismo e liderança: uma perspectiva de relações de objetos [Versão Eletrônica]. *Revista de Administração de Empresas*, 30(3), 5-16.